



**UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS DA PANDEMIA DE
COVID-19 (SARS-COV-2) PARA OS POVOS INDÍGENAS**

***A brief reflection on the circumstances of Covid-19 (SARS-COV-2) for
indigenous people***

Ana Manoela Primo dos Santos Soares
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia,
Universidade Federal do Pará.
Email: anamanoelakaripuna@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p. 48-56, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Este texto é um breve relato de uma mulher indígena do povo Karipuna do Amapá, sobre como, entre sua transitoriedade entre a aldeia e a cidade, ela percebe a pandemia de covid-19 (Sars-Cov-2), que está a atingir seu povo de origem, assim como mais de cento cinquenta povos no país. A reflexão que a autora desenvolve é construída com base em memórias, experiências pessoais e dados quantitativos sobre a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE:

Pandemia. Covid-19. Povos Indígenas. Povos Indígenas de Oiapoque.

ABSTRACT:

This text is a brief account of an indigenous woman from the Karipuna of Amapá people, about how, between her transience between the village and the city, she perceives the covid-19 (SARS-Cov-2) pandemic, which is reaching its people of origin, as well as more than fifty people in the country. The reflection that the author develops is based on memories, personal experiences and quantitative data about the pandemic.

KEYWORDS:

Pandemic. Covid-19. Indigenous People. Indigenous People of Oiapoque.



QUARENTENA – PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

Quando tinha nove anos de idade tive duas doenças virais que foram consecutivas, varicela seguida de dengue. Foram dois meses sem ir à escola e sem poder encontrar amigos e colegas com quem compartilhava os momentos de brincadeiras e confidências. Foi um período maçante e difícil de minha infância, lembro de sentir muita agonia por conta das feridas de catapora, dia e noite, principalmente de noite, pois elas coçavam tanto que não me deixavam dormir, ao menos não de maneira tranquila, o que fazia, conseqüentemente, com que meus pais, principalmente minha mãe, também não dormissem direito; enquanto na dengue meu grande inimigo era a fraqueza. Foram dois meses em que não me concentrava em nada e que meus pais permaneceram profundamente preocupados com a única filha. Porém, foi também em meio a estas circunstâncias que aprendi o significado de uma nova palavra, anteriormente inexistente em meu vocabulário infantil, e esta era a palavra “quarentena”.

Pelo que meu pai me explicou, ao perceber a catapora, eu deveria ficar durante quarenta dias sem sair de casa e durante esse tempo eu deveria ter muito cuidado com minha alimentação e saúde, principalmente por ser uma criança indígena, o que segundo ele fazia com que eu tivesse um sistema imunológico mais vulnerável para a recepção de doenças do que o de outras pessoas, informação sobre saúde indígena que na época eu também desconhecia. Nunca esqueci das explicações que meu pai me deu nesse dia. Uma vez por outra refletia sobre elas, e jamais imaginei que 16 anos depois estaria a passar novamente por uma quarentena que, no momento em que escrevo, já conta muito mais que quarenta dias e que é coletiva, sendo novamente permeada pelas insônias e pelas preocupações. Em 2020, já adulta, aprendi uma nova palavra e esta era “pandemia”.

TRANSITORIEDADES ENTRE O TERRITÓRIO DA ALDEIA E O TERRITÓRIO URBANO – OS CONVÍVIOS COM A PANDEMIA

Sou indígena do povo Karipuna do Amapá, que é um povo composto por três mil pessoas que vivem em 23 aldeias localizadas nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e



Juminã, que estão no extremo norte do estado do Amapá, no município de Oiapoque, região de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Nestas três Terras Indígenas compartilhamos os territórios, espiritualidades e demandas políticas com outros três povos parentes: os Palikur, os Galibi Marworno e os Galibi Kalinã. Juntos, formamos o grupo povos indígenas de Oiapoque; com cerca de 57 aldeias, somos 8 mil indígenas¹, isto em um município que de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2019, conta com uma população de 27 mil habitantes.

Porém, desde criança não moro em Oiapoque com os/as parentes/as², mas sim com minha mãe, também Karipuna, e com meu pai, um não indígena, na cidade de Belém, capital do estado do Pará. É nas transitoriedades entre a aldeia e a cidade, em estados distintos, que teço uma pequena reflexão sobre estes tempos da pandemia para os povos indígenas.

A primeira vez que tive notícias da covid-19 (doença provocada pelo Sars-Cov-2) foi em janeiro de 2020, quando estava no Oiapoque com meus parentes e minhas parentas Karipuna; naquela época as informações sobre a doença chegaram para nós através dos telejornais. Todo dia se falava da covid na TV, mas ela parecia muito distante da aldeia e, para mim, igualmente distante da cidade de Belém. Durante fevereiro, eu, meus/minhas parentes/as e amigos/as mais próximos não nos preocupamos com a doença, “ela estava muito distante de nós”. Os dias seguiram seu fluxo normal. Já havia voltado para o Pará no final de janeiro e planejava retornar para a aldeia em maio, para ver os/as parentes/as e estudar para a dissertação em antropologia. Mas em março, com a confirmação da doença no Brasil e nos estados da Amazônia em que transito (Pará e Amapá), os territórios pelos quais costumava estar fisicamente se limitaram. Os povos indígenas e os não indígenas, no país, passaram a

¹ Informações presentes no Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque lançado no ano de 2019.

² De acordo com Primo dos Santos Soares (2019) “Parente” é um termo que as pessoas de origem indígena, no Brasil, utilizam-se para se referir a outras pessoas também indígenas, sejam estas oriundas de seu povo ou de algum outro povo originário. Sendo o feminino de parente, “parenta”. Enquanto Gersem Baniwa (2006, p. 30) diz que “O termo parente não significa que todos os indígenas sejam iguais e nem semelhantes. Significa apenas que compartilham de alguns interesses comuns, como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global”.



estar naquilo que a parenta Célia Xacriabá chama de “guerra respiratória”. O que as narrativas veiculadas pela mídia indicavam era que isto havia ocorrido por causa das problemáticas relações que os não indígenas mantêm com os animais e a natureza.

A pandemia no começo chegou a me lembrar as distopias dos livros de literatura que comecei a ler na adolescência. O governo me lembrou diversas vezes a necropolítica e a censura de 1984 (ORWELL, 2009). Só que o genocídio dos povos indígenas não é distopia e a necropolítica, está enraizada desde 1500, junto com as várias epidemias que já vivenciamos e que destruíram muitos de nossos parentes/ as, territórios e conhecimentos. As epidemias para nós são parte de uma política colonialista e engajada em nossos genocídios, etnocídios e epistemicídios. Na morte de nossos corpos e espíritos, de nossas ancestralidades. Como disse a antropóloga Artionka Capiberibe (2020), em recente texto para Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), “os vírus e bactérias são aliados, há séculos, da ganância da exploração econômica, agindo junto com esta na mortandade das populações indígenas”.

Até o momento em que escrevo (19/09/2020), a Prefeitura de Oiapoque já confirmou 2660 casos de covid-19 entre indígenas e não indígenas. Todos os quatro povos da região já foram infectados, sendo que entre estes a doença fez 420 vítimas, 417 parentes já se encontram recuperados, todavia, a prefeitura não confirma quantos são os óbitos entre os povos da região. Já a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), através de seu site “Emergência Indígena³” em 21/09/2020 confirmou 17 mortes de indígenas no estado do Amapá, todos eles entre os povos de Oiapoque: 5 entre os Galibi Marworno, 5 entre os Karipuna e 4 entre os Palikur, não constando nenhum óbito entre os Galibi Kalinã. O Oiapoque em 14 de maio de 2020 havia sido declarado como o quarto município mais atingido pela covid no Amapá (que conta ao todo com 16 municípios), neste mesmo dia entrou em estado de calamidade. Atualmente, ainda de acordo com os dados da Emergência Indígena, ele é o quinto município com mais óbitos em populações indígenas no Brasil. Já no estado do Pará, em 21 de setembro de 2020, foram confirmados em 28 os povos infectados, sendo que houve 89 óbitos até então, alcançando-se a triste posição de segundo estado mais

³ Emergência Indígena Disponível em <http://emergenciaindigena.apib.info/> . Acesso em 19 set. 2020.



atingido pela covid entre os povos originários.

De acordo com os boletins informativos da APIB, que junta dados levantados por si mesma com dados levantados pela Secretária Especial de Saúde Indígena (Sesai)⁴, já seriam na Amazônia Brasileira, até a data de 19 de setembro de 2020, 32615 casos confirmados de covid-19 entre povos indígenas, havendo 821 óbitos em 158 povos. Entre estes estão os: Kokama, Xavante, Guajajara, Tikuna, Macuxi, Munduruku (PA), Kayapó Mebêngôkrê, Terena, Huni Kuin, Kaingang, Baniwa, Baré, Warao, Tukanó, Guarani Mbya, Xikrin do Cateté, Omagua-Kambeba, Yanomami, Apurinã, Assurini do Trokará, Galiby Marworno, Fulni-ô, Karipuna, Wapichana, Xukuru, Palikur, Mura, Bororo-Boe, Tapeba, Kaapor, Potiguara (RN), Kariri Xocó, Kamayurá, Manchineri, Krikati, Kaimbé, Suruí de Sororó, Apyãwa Tapirapé, Wai Wai, Karapanã, Pitaguary, Tabajara, Potiguara (PB), Karitiana, Cinta Larga, Parakanã Arawete, kurã Bakairi, Gavião Pakatêjê, Sateré Mawé, Guarani Kaiowá, Taurepang, Koripako, Javaé, Kalapalo, Arara, Tupiniquim, Tremembé, Arapiun, Kanela Apanjekrá, Tiriyo, Borari, Munduruku (AM), Tuyuca, Tiriyo/Wayana, Puyanawa, Kambiwá, Puruborá, Shawãdawa Arara, Jaminawa, Yawalapiti, Matsés / Mayoruna, Tupinambá de Olivença, Arapaso, Anacé, Nafukua, Umutina, Camba, Chiquitano, Madija-Kulina, Paumari, Shanenawa, Pataxó, Marubo, Yawanawa, Pankará, Nadëb, Dessana, Tembê, Akroá-Gamela, Mirititapuya, Xerente, Tariano, Wajuru, Paresi, Kaiabi, Tapuia, Parintintim, Rikbaktsa, Pipipã e Karajá. A APIB divulga estes dados juntamente com uma fala da parenta Célia Xacriabá, que diz: “Não é somente número, cada corpo indígena tem uma encantaria ancestral. A cada indígena que é morto, morre parte de nossa história coletiva” (Célia Xacriabá). Varga et al. (2020) dizem que os povos indígenas são os mais vulneráveis às doenças da “sociedade envolvente”, isto devido ao recente tempo de contato com os brancos.

Há povos que estão em contato desde 1500, mas também há aqueles que entraram em contato em um passado mais recente, além dos povos que estão em isolamento voluntário, sendo estes dois últimos mais vulneráveis ainda que os que possuem um contato mais antigo e mais intenso. Além disso, de acordo com a Orga-

⁴ A SESAI não contabiliza os casos de covid-19 entre indígenas que vivem em regiões urbanas. Já a COIAB e a APIB contabilizam.



nização Mundial de Saúde (OMS), a covid-19 é facilmente disseminada pelo contato físico, o que faz com que nossos modos de vida, que são coletivos, facilitem sua propagação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Belém, a única pessoa indígena com quem compartilho fisicamente o cotidiano é minha mãe, Suzana Karipuna, que é alguém triplamente vulnerável ao vírus, por ser idosa, indígena e mulher que reside na periferia. A cada mensagem ou ligação que chega em nossos celulares, observo sua preocupação e suas saudades das aldeias e dos/as parentes/as. Fico preocupada pelos mesmos motivos que ela, mas também fico preocupada com ela, com seu *bem-viver* e sua sabedoria ancestral de mulher *antiga*⁵. O ex-presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcio Meira, disse em recente entrevista que “Um ancião indígena que morre é uma perda para toda a humanidade” (RIBEIRO, 2020). Ora, quem mais detém os conhecimentos de nossos povos são nossas avós e avôs, pais e mães, estes são um dos nossos maiores bens culturais; quando eles se vão, uma parte importante de nossas culturas vai junto. Neste momento, os povos indígenas, temem e zelam pela saúde de seus/suas *antigos/as*.

Não sei quando eu e minha mãe poderemos retornar ao Uaçá. Mas a pandemia não vem sozinha, ela vem de mãos dadas com a crise política, esta última anterior à primeira, ocasionada por um governo que antes mesmo de eleito já declarava em seus discursos e ações seu caráter anti-indígena e fortemente alinhado ao agronegócio (TERENA, 2020).

É difícil não pensar que de alguma forma, nós, povos indígenas, previmos a ameaça que agora ataca e que atende pelo nome de covid-19. Lógico que não sabíamos a forma como ela viria, nem quando viria. Mas sempre questionamos e discutimos as consequências para a saúde da Terra e da humanidade, caso as relações que

⁵ Os *antigos* e *antigas* são os/as ancestrais dos povos de Oiapoque. São mulheres e homens que viveram a muito tempo atrás e que já faleceram ou são idosas e idosos que detém os conhecimentos que são passados às novas gerações.



os não indígenas mantêm com os animais, o ar, a água, o solo e entre si, continuassem as mesmas, devastadoramente pautadas no consumo desenfreado neoliberal.

Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2015) são dois parentes que em seus escritos discutem como nós, povos indígenas, agimos para “adiar o fim do mundo”, pois os não indígenas, em acordo com o modo de vida capitalista, agem para adiantá-lo e a pandemia muito está ajudando neste último caso. Creio que se ela não adiantar o fim do mundo, ao menos adiantará o da humanidade.



REFERÊNCIAS

- BANIWA, Gersem. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE OIAPOQUE. **Boletim Coronavírus Covid-19**. Disponível em: www.oiapoque.ap.gov.br Acesso em: 19 set. 2020
- CAPIBERIBE, Artionka Manuela Góes. COVID-19: Um novo velho conhecido dos indígenas. **Boletim Anpocs**, n. 18 | Cientistas sociais e o coronavírus. Boletim Especial n. 18 - 10/04/2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2331-boletim-n-18-covid-19-um-novo-velho-conhecido-dos-indigenas> Acesso em: 28 mai. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Oiapoque. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/oiapoque/panorama> Acesso em: 19 set. 2020.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã Yanomami; tradução Beatriz Perrone-Moisés. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CCPIO – Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque. **Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque**. Oiapoque – AP: CCPIO, RCA, Iepé, 2019.
- RIBEIRO, Fernanda Maria. Coronavírus: “Um ancião indígena que morre é uma perda para toda a humanidade”. **Amazônia real**. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/coronavirus-um-anciao-indigena-que-morre-e-uma-perda-para-toda-a-humanidade-diz-marcio-meira/> Acesso em: 13 abr. 2020.
- TERENA, Luiz Henrique Eloy. O direito e sua magia: a grilagem revestida de legalidade. **Mídia Ninja**. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/luizhenriqueeloy/o-direito-e-sua-magia-a-grilagem-revestida-de-legalidade/> Acesso em: 24 mai. 2020.
- VARGA, István van Deursen; et. al. Vulnerabilidade em Comunidades Rurais, Negras, Quilombolas e Indígenas Frente à Covid-19. **Boletim Anpocs**, n. 18 | Cientistas sociais e o coronavírus. Boletim Especial n. 28 - 27/04/2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2342-boletim-n-28-cientistas-sociais-e-o-coronavirus> Acesso em: 11 mai. 2020.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 12/09/2020

